

INEZ HELENA SOARES MUSTAFA

JORNALISMO, MEMÓRIA E AS BOMBAS ATÔMICAS NO JAPÃO

Estudo de reportagens sobre os 70 anos do ataque americano na 2ª Guerra

**Brasília
2015**

INEZ HELENA SOARES MUSTAFA

JORNALISMO, MEMÓRIA E AS BOMBAS ATÔMICAS NO JAPÃO

Estudo de reportagens sobre os 70 anos do ataque americano na 2ª Guerra

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília - UniCeub.

Prof(a) Orientador(a): Luíz Claudio Ferreira

**Brasília
2015**

INEZ HELENA SOARES MUSTAFA

JORNALISMO, MEMÓRIA E AS BOMBAS ATÔMICAS NO JAPÃO

Estudo de reportagens sobre os 70 anos do ataque americano na 2ª Guerra

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília - UniCeub.

Prof(a) Orientador(a): Luíz Claudio Ferreira

Banca Examinadora:

Prof.(a): Luíz Claudio Ferreira
Orientador(a)

Prof.(a): Vivaldo Sousa
Examinador(a)

Prof.(a): Isa Stacciarini
Examinador(a)

Novembro 2015

Resumo

Em 2015, foi recordado os 70 anos do lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, com especiais realizados pela TV Globo e Rede Record. Este estudo analisa o conteúdo das cinco reportagens feitas por cada emissora e as compara. Para contextualizar as análises, o estudo expõe teoria e conceitos da objetividade, rotinas de produção, agendamento e imparcialidade. Discorre pela história do jornalismo de conflito armados e da Televisão, e as dificuldades encontradas em cada ramo. Especificar os tipos de fontes, problematiza-las e caracteriza-las no meio televisivo. Entre as conclusões, é certo que reportagens não contextualizaram um tema de evidente importância histórica.

Palavras chave: Jornalismo televisivo. Agendamento. Hiroshima e Nagasaki.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1.Introdução..... | 5 |
| 2. Objetividade, imparcialidade e rotinas de produção no jornalismo..... | 7 |
| 3.Agendamento..... | 11 |
| 4. Uma síntese sobre o jornalismo de guerra e conflitos armados..... | 14 |
| <i>4.1 Jornalismo de conflitos no Brasil.....</i> | <i>16</i> |
| 5. Jornalismo de TV..... | 18 |
| 6. Fontes e entrevista..... | 23 |
| 7. Metodologia..... | 28 |
| 8. Análises..... | 31 |
| <i>8.1 Análise de conteúdo.....</i> | <i>31</i> |
| <i>8.2 Análise comparativa.....</i> | <i>40</i> |
| 9. Conclusão..... | 42 |
| 10. Referências..... | 43 |

1.Introdução

Em 6 de agosto de 1945, às 8h15, a bomba atômica denominada de “*Little Boy*” foi lançada sobre Hiroshima pelos Estados Unidos da América. Sem sequer se chocar com o solo, a bomba explodiu 570 metros acima da cidade. Em segundos, habitantes e prédios da cidade derreteram com o calor de 300 mil graus Celsius gerado pela bomba. Estima-se que 70 mil pessoas morreram no momento em que a bomba explodiu, e outra 40 mil morreram no decorrer do ano.

Três dias após Hiroshima ser devastada, a segunda bomba atômica foi lançada sobre Nagasaki. Denominada de “*Fat Man*”, a bomba de plutônio possuía um potencial de destruição ainda maior do que a que havia explodido em Hiroshima. Entretanto, o número de mortos na segunda explosão foi menor devido à topografia da cidade, localizada entre montanha, impediu uma maior irradiação dos efeitos da bomba. No segundo ataque, mais de 40 mil pessoas morreram. Além das mortes em decorrência das explosões das duas bombas, dezenas de milhares de pessoas morreram ao longo dos anos em decorrência da radiação. Em 2 de setembro de 1945, o Imperador japonês, Hirohito, assinou a rendição do país e a segunda guerra chegou ao fim.

No decorrer dos capítulos serão expostos conceitos e teorias sobre a objetividade, imparcialidade e rotinas de produção, o qual o jornalista almeja sempre ser objetivo e deixar de lado suas crenças, idade, classe social, raça, sexo e etc. E nesse caso, como deixar a ética e ideais empresariais não interferir na procura da imparcialidade e objetividade do jornalista. Ou como procurar e entrevistar diversas fontes com diferentes opiniões no pouco espaço de tempo cedido ao repórter.

Discorre sobre o *agenda-setting*, que diante de um grande número de eventos, só viram notícia aqueles passam pelos critérios de noticiabilidade, que escolhe o que vira notícia ou não. Salientando mais uns temas e outros menos, escolher em qual acontecimento o público deve concentrar sua atenção.

Percorre a história do jornalismo de conflitos armados, conhecer as dificuldades encontradas por jornalista ao cobrir acontecimento em zonas de guerra. Em um ataque o jornalista deve perseverar por sua vida, ou ir em busca da verdade a qualquer custo?

Falar da história da televisão e discursar sobre o fator tempo, normalmente bastante curto nas matérias televisivas. Que pode tornar a matéria demasiadamente curta e superficial,

transformando a matéria em manchetes Obrigando o entrevistado ter uma receita pronta para falar o essencial em 20''ou 30''.

Classificar os tipos de fontes existentes no jornalismo, caracterizar e problematiza-las o uso no meio televisivo. Questionar se o âncora também possui o dever ou pode opinar nas matérias produzidas, colocando seu ponto de vista. Por exemplo: informar o cidadão sobre os países que possuem armas nucleares, alertar os telespectadores sobre seus efeitos e perigos e/ou pedir paz a humanidade?

Setenta anos depois, no período de 3 à 9 de agosto de 2015, foram ao ar notícias e especiais sobre o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki no Japão. Com o foco das emissoras brasileiras voltados durante essa semana para este fato, o objetivo desta monografia é identificar como as histórias foram contextualizadas pelas emissoras. Os materiais são enfocados das seguintes formas: analisar o valor das imagens de arquivo para contextualizar a matéria, avaliar a importância de correspondentes internacionais na realização de especiais como esse, questionar a responsabilidade das forças armadas e do governo americano dada pela imprensa pela morte de milhares de civis no lançamento das bombas atômicas no Japão, analisar como noticiários tratam de um tema complexo como o lançamento de bombas atômicas em um curto espaço de tempo, explorar os tipos de fontes escolhidas para as matérias, verificar se nas matérias os jornalistas falam sobre os efeitos provocados pela radiação da bomba atômica a curto e longo prazo, o número de mortos no momento que a bomba atômica atinge o solo e o número de pessoas que morreram devido aos efeitos da radiação no decorrer dos anos.

No trabalho serão analisadas dez reportagens sobre os 70 anos do lançamento das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki noticiados pela Globo e Rede Record entre o período de primeiro de agosto até oito de agosto. Por meio de seus conteúdos como, contextualização dos temas, fontes utilizadas, se dispôs ou não dos recursos de imagens de arquivo e correspondentes.

2. Objetividade, imparcialidade e rotinas de produção no jornalismo

Manuais e editores recomendam repórteres e redatores que sejam objetivos, claros e verdadeiros. Será um sonho possível? Amaral (1996) diz que não, “A objetividade é apontada como uma das principais virtudes da matéria jornalística, qualidade defendida há quase meio século pela imprensa americana, espelho de muitas, inclusive a brasileira”. (AMARAL, 1996, p.17)

A objetividade deveria ser presente em todas as fases do processo jornalístico, desde a pauta de tópicos a serem cobertos até a apresentação gráfica, tamanho e a natureza do espaço que o texto vai ocupar no jornal. Uma paixão do jornalismo do século XX e um ideal a ser atingido, embora, sempre seja confrontada com o seu oposto, a subjetividade.

Os jornalistas reagem segundo diferentes características intrínsecas como: sexo, idade, raça, classe social, crença religiosa e preferência política. E, geralmente, de acordo com a educação e os exemplos de casa, da escola e da rua, sob a influência e suas amizades e a classe que pertencem. Amaral (1996) propõe que o debate é saber se é possível, e em que nível o ser humano descreve as coisas como elas realmente são. Independentemente da relação que temos com elas. É saber se a objetividade é um caminho para a realidade e a verdade.

A objetividade e seu contrário, a subjetividade, são, na verdade, um dos problemas centrais da filosofia, fonte de divisão na batalha entre realistas e idealistas e entre teorias absolutas e relativistas da verdade. Para os realistas, a verdade deve ser interpretada como a correspondência com a realidade (objetividade); para os pragmatistas, a verdade é aquilo que é vantajoso para nós crermos (subjetividade). (AMARAL, 1996 p.19)

Immanuel Kant (1773) diz que o mundo como o percebemos é regulado pela estrutura congênita da mente humana. Pensamos através de categorias como espaço e tempo. Por isso, só vemos a aparência, mas nunca podemos ter acesso ao conhecimento das coisas como elas são, nunca sabemos como o mundo é em si mesmo.

Ora, a objetividade não existe. O que existe é uma *objetivação*, uma *objetividade aproximada* ou esforço de conhecer a realidade naquilo que ela é e não naquilo que gostaríamos que ela fosse. Bachelard fala de *conhecimento aproximado*. Sem dúvida, o projeto do conhecimento científico é atingir a realidade naquilo que ela é. Mas esse projeto é irrealizável. Só conhecemos o real como nós o vemos; o sujeito constrói o objetivo de sua ciência. A objetividade não passa de um ideal: nenhum sujeito a realiza. Onde o conceito de objetivação. (JAPIASSU, 1981, p.237).

A preocupação por parte do editor e do leitor com a objetividade e o equilíbrio no jornalismo teve início na segunda metade do século XIX. Até então, a imprensa era

principalmente político partidária, ou seja, os leitores compravam jornal para lerem críticas ao adversários. O interesse de ambas as partes pelo Estado, administração, acontecimentos ligados à comunidade, só se daria início trinta anos mais tarde.

Com o desenvolvimento tecnológico, a democratização, o aumento do índice de alfabetização e crescimento da importância da classe média urbana, nos primeiros 30 anos do século XIX, a imprensa começou a ser uma imprensa comercializada e deixou de ser politizante. A ideia básica do novo jornalismo era oferecer notícias selecionadas que parecessem menos uma propaganda, ficção científica ou panfleto e escritas num tom desapassionado. A partir de então, a imparcialidade começou a ser um dos valores e ideologias do jornalismo na Inglaterra, França e Estados Unidos. Amaral (1996) caracteriza a objetividade jornalística desta forma: “Quer dizer que, em sua tarefa diária, o jornalista precisaria deixar em casa suas normas, princípios, referências políticas e ideológicas, procurar excluí-los dos pensamentos e se concentrar na narração dos fatos, sem tentar explicá-los ou comentá-los”. (AMARAL, 1996, p.26)

Jorge Pedro Sousa (2002) cita em seu livro Thomas Patterson (2000) que diz que a profissionalização dos jornalistas reduziu a multiplicidade dos pontos de vista e os discursos no jornalismo. O autor comparou o discurso dos jornalistas na Suécia, Alemanha, Itália, em Inglaterra e nos Estados Unidos, e conclui que quanto mais elevada é a formação escolar desses profissionais menor a multiplicidade dos pontos de vista jornalísticos e discursos. Em países, como Portugal, onde o acesso ao jornalismo e as modalidades de seu exercício são mais diferenciadas.

Nestes países, a diversidade discursiva jornalística seria superior e os jornalistas cultivariam valores cívicos que os fariam abrir-se mais à sociedade e a subtrair-se mais aos ditames da indústria dos *media*, que olharia para as notícias principalmente como um produto de consumo que importaria obter e transmitir rapidamente, mais do que fazê-lo com rigor e profundidade. (SOUSA, 2002, p.102)

Mas segundo Patterson (2000), a influência ideológica e política sobre os diferentes *media* dos diferentes partidos, é, de alguma forma, benéfica à democracia. Pois, geraria maior multiplicidade discursiva, o inverso do que acontece em países onde o profissionalismo se sobreleva. Em países, como os EUA, os jornalistas se submetem a uma espécie de ideia corporativa e a lógica do mercado.

Para Sousa (2002), os processos de ideologização, socialização e aculturação de um principiante na profissão de jornalista e numa empresa que geram grande parte da ação cultural, ação ideológica e ação social sobre a forma e conteúdo das notícias o jornalista acaba

suscetível a produzir uma matéria com os critérios de noticiabilidade que obedecem as regras da empresa.

O jornalista ao escrever uma matéria tenta se abster de suas crenças, se distancia do meio em que vive. Mas mesmo tentando se aculturar, o jornalista precisa obedecer às regras de uma determinada organização jornalística. Mesmo se dizendo imparcial, os meios de comunicação tendem a ser mais favoráveis a idéias políticas de esquerda ou de direita, deste modo ocultando Estados culpados em épocas de guerra. Como cita Amaral (1996) , para os céticos, o jornalista não precisa afastar seus ideais e princípios ao se concentrar na narração, desde que os valores do redator, os relatos dos fatos, os comentários e as interpretações coincidam com os da empresa para qual trabalham. Como, então informar o leitor, ouvinte ou telespectador com o máximo de informação possível em uma matéria, ou especiais, se não pode expor os diversos lados da história?

Sousa (2002) menciona também Soloski (1993), que sugere para a profissão a “ideologia do profissionalismo”, no qual, a profissão teria que controlar a base do conhecimento, que implicaria em duas condições: “1) Que um conjunto de conhecimentos esotéricos e suficientemente estáveis relativamente à tarefa profissional seja ministrado por todos os profissionais, e 2) que o público aceite os profissionais como sendo os únicos capazes de fornecer os serviços profissionais”. (SOLOSKI, 1993 apud SOUSA, 2002, p.107)

O jornalista profissional têm que possuir a capacidade de reconhecer o que é notícia, saber escolher informações e ser capaz de contar uma história. O jornalista também possui certa autonomia como na possibilidade de recorrer ao segredo profissional e de estabelecer determinadas relações pessoais com as fontes. Mesmo com alguma autonomia, a organização têm o poder de controlar o comportamento dos jornalistas e seu trabalho devido à necessidade.

Outro fato que impede a objetividade nas notícias são as rotinas das organizações. A maior parte do trabalho jornalístico não ocorre de um hipotético “faro” jornalístico nem de uma suposta capacidade intuitiva, mas de procedimentos convencionais e rotineiros. Para Sousa (2002), sem excluir as rotinas de cada pessoa, o meio social e a cultura, essas obedecem essencialmente a fatores organizacionais. Já para Traquina (1999), as rotinas são os procedimentos que asseguram ao jornalista, mesmo sob pressão de tempo, um fluxo seguro e constante de notícias, isto é, permitem que o jornalista controle seu trabalho. Mas paralelamente, as rotinas defendem as organizações noticiosas e os jornalistas dos riscos elevados e das críticas. Como por exemplo: em datas importantes acontecimentos históricos,

morte de pessoas importantes, aniversário de cidades, datas comemorativas se realizam o agendamento de matérias, que todos o ano ou de ano em se realizam.

As rotinas jornalísticas, segundo Traquina (1999), trazem algumas desvantagens como a distorção ou simplificação arbitrária do mundo dos acontecimentos; o jornalismo tende a cair numa atividade burocrática e o jornalista passa a assemelhar-se a um burocrata; “o jornalismo cai na dependência dos canais de rotina, o que leva à institucionalização de determinadas fontes” (SOUSA, 2002, p. 51); a utilização frequente de fontes “oficiais”, que fornecem convenientemente e regularmente informação clara que dispensa os jornalistas das investigações profundas e da recorrência de especialistas, facilita a manipulação; as rotinas jornalísticas tornam as notícias similares nos diversos órgãos de comunicação social.

Tais fatos como o meio em que vive, seus preconceitos, ideais, valores, tempo, rotina, e ideais da organização em que trabalha, afastam o jornalista de uma notícia que mais se aproxime da imparcialidade e a objetividade. Muitas vezes o espaço curto de tempo e assim como o tamanho que uma matéria precisa ser produzida, fazem com que a matéria seja muita sucinta. Problema não existente na Internet, já que o tamanho de “armazenagem” é infinito.

3. Agendamento

Os jornalistas, seguindo os critérios de noticiabilidade, têm o poder de decidir se bloqueiam a informação ou a deixa passar pelos portões, privilegiando a ação pessoal. O fator tempo, no qual o jornalista escuta as fontes e diferentes lados de um acontecimento e entregar a matéria antes da redação fechar, faz com que alguns fatos apurados fiquem de fora da notícia. Sendo assim, Felipe Pena (2003) diz que “diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate*) em inglês. E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio jornalista”. (PENA, 2005, p.133).

Inicialmente, acreditava-se na teoria hipodérmica que todas as pessoas eram elementos iguais de uma audiência de massas que respondia uniformemente a todos os estímulos midiáticos. Ou seja, as mensagens dos *mass media* (comunicação de massa) possuíam impacto direto nas pessoas, produzindo necessariamente comportamentos previsíveis. Posteriormente, duas questões são levantadas, se as mensagens entram em conflito com as normas do grupo, a mensagem será rejeitada, e segundo, as pessoas consomem informações midiáticas de maneira seletiva (TRAQUINA, 2000).

Quando já socializado com as normas de uma organização, o profissional seleciona mecanicamente fatos apurados que entram ou ficam de fora da notícia. Em seu livro, Sousa (2002) sugere que os jornalistas visam seguir as avaliações dos seus superiores para tornarem as suas mensagens mais propensas de passarem pelos portões, sendo essa uma das razões pelas quais as reportagens de certos jornalistas eram mais publicadas do que a dos outros.

A teoria do agendamento ou do *agenda setting* sugere que os meios de comunicação agendam nossos pensamentos sobre assuntos e nossas conversas, defende a concepção de que os usuários de notícias tendem a considerar mais importantes as temáticas que são veiculadas pela mídia. “A teoria do *agenda-setting* (estabelecimento da agenda - ou, melhor dito, de agendas) é uma teoria que procura explicar um certo tipo de efeitos cumulativos a curto prazo que resultam da abordagem de assuntos concretos por parte da comunicação social” (SOUSA, 2002, p.158). Diversas pesquisas e estudos foram feitos a partir desse teoria tentando se verificar qual o meio de comunicação que mais exerce uma influência de tipo cognitivo, ou qual o efeito do agendamento durante uma campanha eleitoral ou na cobertura em períodos normais. É o caso de datas comemorativas, acontecimentos históricos, tragédias, aniversário de celebridades que morreram, aniversário de cidades, entre outras. O conteúdo de um

pensamento de uma pessoa sobre o futuro e a história do seu povo depende das formas pelos quais os acontecimentos públicos se tornaram um tema de discurso nos assuntos públicos.

Wolf (1995) destaca que a informação escrita possui maior eficácia em relação a televisiva. É certo que a informação televisiva se organiza em torno da actualidade, enquanto a escrita se centra em torno das memórias dos acontecimentos. O autor cita McCombs (1976) defende que os meios de comunicação tem uma eficácia temporalmente diferenciada e graduada.

Os jornais são os principais promotores da agenda do público. Definem amplamente o âmbito do interesse público, mas os noticiários televisivos não são totalmente desprovidos de influência. A televisão tem um certo impacte, a curto prazo, na composição da agenda do público. O melhor modo de descrever e distinguir essa influência será, talvez, chamar *agenda-setting* à função dos jornais e *ênfase* (ou *spot-lighting*) à da televisão. O carácter fundamental da agenda parece, frequentemente, ser estruturado pelos jornais, ao passo que a televisão reordena ou ressystematiza os temas principais da agenda. (MCCOMBS, 1976 apud WOLF, 1995, p.145).

Sousa (2002) fala que o agendamento resulta da procura de informação sobre o meio por parte dos leitores, necessidade que na sociedade atual só poderia ser satisfeita através do consumo da informação fornecida pelos meios de comunicação.

Existe uma série de fatores relativos às tecnologias comunicativas quando se coloca a questão dos diferentes efeitos do agendamento, devido aos formatos informativos de cada meio e aos gêneros analisados. Cada tema é tratado com determinada relevância em cada meio de comunicação, tematizar um problema significa colocá-lo na do ordem dia da atenção do público, salientar o seu significado e a sua centralidade em relação ao fluxo do conhecimento não tematizado. “Selecionar posteriormente [...] os grandes temas sobre os quais há que concentrar a atenção do público e mobilizá-la para a tomada de decisões”. (ROSITI, 1975 apud WOLF 1995, p.146). Ou seja, o agendamento vai ao ponto de receber as necessárias sugestões e integrações do estudo das condições profissionais, sociais, técnicas e de transformação dos acontecimentos em temas e notícias.

Uma das hipóteses do agendamento se desenvolve a partir de um interesse pelo modo com que as pessoas estruturam e organizam a realidade, que se baseia em resultados de um processo metodológico, onde a frequência com que um assunto aparece, é uma indicação utilizada pelos destinatários para avaliarem a sua importância (MCCOMBS 1975, apud WOLF 1995, p. 148). Um bom exemplo é que na primeira semana de agosto de 2015, do dia 3 ao 9 de agosto, a Rede Record e a Globo exibiram pelo menos uma vez por dia um especial ou matéria sobre os 70 anos da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki.

Já Laersen (1983), diz que à função dos conhecimentos já acumulados na memória, parece se atenuar com uma dinâmica do processo de memória e compreensão que restringe, em parte, o sentido da teoria do agendamento. Larsen chegou a duas conclusões: “a) a memorização concentra-se mais na informação já adquirida do que na nova. A familiaridade com o assunto aumenta a facilidade de memorizar. b) entra a nova informação, a que, cronologicamente, é mais recente (os últimos desenvolvimentos de um facto) parece ser mais privilegiada do que a que amplia os conhecimentos, isto é, a informação de fundo.” (LARSEN; STEEN FOLK, 1980 apud WOLF, 1995, p.152). Isto é, os processos de acumulação de informação e memorização atualizam e acentuam aquela parte de conhecimento do mundo já adquirido anteriormente.

Sousa (2002) sistematiza como alguns fatores intermediários afetam no sucesso ou insucesso da conversão da agenda midiática em agenda pública, que são os seguintes: tempo de exposição de um tema, imediação geográfica; conteúdo e natureza dos temas abordados pelos *mass media*, credibilidade das fontes de informação, comunicação interpessoal e audiência.

Diversas críticas foram sendo feitas à teoria do agendamento. Sousa (2002) cita Santos (1992) que diz que em determinadas circunstâncias a agenda do público é diferente da agenda estabelecida pelo *mass media*. Em consonância, McCombs (1976), salienta que o agendamento depende principalmente da “necessidade de orientação, ou seja, da necessidade do receptor de obter informação sobre um determinado assunto, o que a motivaria para consumo dessas informações. (MCCOMBS, 1976 apud SOUSA, 2002, p. 164)

Saperas (2002) também aponta seis deficiências na teoria de agenda pública, que são a ambiguidade sobre a origem da tematização dos meios de comunicação, a natureza da influência do *mass media*, a imprecisão terminológica e metodológica, o desconhecimento da audiência, a indefinição das agendas midiática, intrapessoal e interpessoal, pública e a dificuldade de delimitação das mesmas e a indefinição do quadro temporal efectivo da análise e do quadro temporal. (SAPERAS apud WOLF, 2002, p. 165 e 166).

4. Uma síntese sobre o jornalismo de guerra e conflitos armados

Os primeiros relatos de guerra que se tem notícias são os que se encontram no Antigo Testamento da Bíblia, onde são narrados os combates do povo hebreu contra os filisteus, egípcios e outros povos. Ao longo da história foram sendo produzidos outros relatos de guerra, alguns em forma de crônicas, como as campanhas de Júlio César na Inglaterra e muitos foram escritos em forma de poemas épicos, como a *Ilíada* de Homero (MORETTI, 2004)

Para discursar sobre o tema de jornalismo de guerra é necessário começar com o jornalismo internacional, sua história e evolução, assim como a evolução tecnológica e social que aconteceu no jornalismo com o passar dos séculos.

Segundo Natali (2004), o jornalismo internacional teve início ainda no mercantilismo, a informação impressa passou a ser comprada por um grupo indefinido e não mais circulavam apenas dentro de um mesmo conglomerado comercial e financeiro. Em 1605, surgiu a *Avisa Relation oder Zeitung* (a palavra *Zeitung*, alemã, é até hoje usada para designar “jornal”), de Heinrich Julius. No mesmo ano, Abraham Verhoeven passou a publicar *Nieuwe Tijundiger* na Antuérpia. O autor fala de uma “epidemia” de publicações parecida na primeira metade do século XVII na Europa. Entre 1610 e 1645, esses jornais eram baseados em informações políticas e econômicas de terras estrangeiras que já circulavam na Inglaterra, Suíça, Áustria, Hungria e França. “O jornalismo nasceu, isto sim, sob a forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes.” (NATALI, 2004, p.23).

No século XIX, os processos de impressão foram radicalmente aperfeiçoados, as informações vindas de países estrangeiros chegavam cada vez mais depressas. Mas a desigualdade social e o analfabetismo ainda faziam com o que o pobre não tivesse acesso à informação.

Em 1800, os jornais eram impressos, em uma folha só, por aparelhos de madeira semelhantes aos utilizados para a fabricação de livros. Uma impressora a vapor inventada pelos ingleses em 1814 permitiu, por exemplo, multiplicar por dez a tiragem do *The Times*. Em 1865, veio a impressora cilíndrica (rotativa), e, em 1889, desta vez nos Estados Unidos, o linotipo, que fundia todas as letras de uma linha de texto em uma única matriz metálica. Na segunda metade do século, o trem e cabos de telégrafo foram instalados em todas as direções. O mundo ficou menor. O impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da Internet no final do século XX. (NATALI, 2004, p.30)

O primeiro correspondente de guerra apareceu nesse mesmo século, na Guerra da Criméia (1854), que envolveu a Rússia e a Inglaterra numa guerra disputada entre fronteiras. Até então, jovens soldados mandavam cartas das frentes de batalha, trabalho bastante insatisfatória, pois esses soldados eram seletivos com o que escreviam e não conheciam o processo jornalístico. Foi então que o *The Times* enviou para o campo de batalha William Howard Russel, um repórter especialmente contratado para a função, tornando-se o primeiro correspondente de guerra. (MORETTI, 2004, p. 92)

O jornalismo internacional já entrava em sua fase adulta, quando a Guerra Civil norte americana (1861-1865) foi acompanhada por 150 correspondentes de guerra. O jornal e a revista procuravam, como ainda hoje, obter mais informações por um preço menor. Foi quando a ideia da agência de notícias surgiu, na formação de *pools* pelos quais uma equipe de repórteres ou um repórter produziriam material para muitos órgãos da imprensa.

Uma das consequências da ampliação dos serviços das agências de notícias é o relativo apartidarismo do noticiário. Não como uma postura ética, mas sim, uma postura de mercado. O apartidarismo se tornou com o tempo um procedimento normal de focar os acontecimentos. Como exemplo, em 1871, o *Guardian*, jornal britânico, enviou correspondentes para o lado prussiano e o lado francês da guerra entre aqueles dois países (NATALI, 2004).

Peter Hofschoröer relata *Wellington's Smallest Victory* que em uma batalha em 1815, os franceses liderados por Napoleão enfrentaram uma aliança anglo-germânica. Uma batalha rápida que começou no início da madrugada e no final da tarde o chão estava coberto com mais 45 mil cadáveres. O oficial britânico, Harry Percy, levou a notícia de que as tropas napoleônicas haviam sido derrotados até o trono britânico - a cavalo, a pé, de barco na travessia do canal da Mancha -, que demorou cinco dias até chegar a Londres. Se o próprio trono britânico demorou quase uma semana para saber de algo tão importante, a imprensa local recebeu a notícia com um atraso ainda maior para a publicação.

O século XX começou com o impacto do teletipo. O código Morse e o telégrafo estavam ultrapassados por volta da Primeira Guerra Mundial. Em seguida, veio o telex, com o qual pessoas que estivessem nos dois terminais poderiam dialogar uma com a outra. Os anos 60 inauguraram a era dos satélites de telecomunicações, com essa nova tecnologia não havia mais o risco de incomunicabilidade por causa do rompimentos acidental de um cabo submarino. A transmissão de imagens via satélite também data dos anos 60. A chegada do homem à Lua foi transmitida em rede mundial em julho de 1969.

O que para nós é relevante é a constatação de que a mídia impressa nunca manteve o monopólio da informação por meio de imagens. A concorrência veio em primeiro lugar do cinema (documentários, com as atualidades nacionais e estrangeiras projetadas antes dos filmes em qualquer sala, já nos anos 30), em seguida com a televisão e, por fim, com a Internet. Assim, os jornais impressos precisaram competir com as demais mídias com enfoques mais interpretativos e com uma contextualização histórica maior dos acontecimentos. (NATALI, 2004, p.36)

4.1. Jornalismo de conflitos no Brasil

O primeiro indício de um jornal que fornecesse notícias internacionais no Brasil foi em 1836, com o jornal chamado *Gazeta Universal*. Ele publicava notícias do exterior, mas apenas quando essas chegavam de navio. Não haveriam notícias, se os navios não chegassem. A imprensa escrita nessa época era a única voz que formava a opinião de alguns ao mesmo tempo em que ecoava a opinião pública das ruas.

Em seu *Diário de Pernambuco - História e jornal de 15 décadas* (1975), Arnaldo Jampo relata que foi por meio de notícia obtida com a abordagem de um navio que ainda não havia atracado ao cais de Recife que aquele diário publicou em seu primeiro número, em 1825, a informação de que havia saídos dos portos da França uma esquadra de cinquenta embarcações de guerra com destino a Ilha De Cuba. (JAMBO, 1975 apud NATALI, 2004, p.38)

Um dos marcos fundamentais para o jornalismo internacional no Brasil foi em 22 de junho de 1874, quando um cabo estendido no Atlântico conectava o Brasil à Europa por telégrafo. “Não era mais preciso esperar por demorados 28 dias para que um barco a vapor chegasse ao Rio de Janeiro com notícias da Europa, provenientes de povos britânicos” (NATALI, 2004, p.40).

No início do século XX, período da Grande Guerra, ainda sem a propaganda e difusão que hoje interferem diária e massivamente na política regional e mundial, sem os sofisticados instrumentos de comunicação, pertencia apenas aos jornais o papel de transmitir à população informações da guerra e tentar suggestionar a tomada de decisão do poder Executivo em relação à participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial. Se hoje grandes plebiscitos e questões necessitam de minutos e minutos, páginas e páginas da imprensa escrita, falada e televisada, imagine como o dilema: o Brasil deve entrar ou não na guerra?, tomou conta da população, acostumada com tempos de paz (GARAMBONE, 2003).

O radiojornalismo, como prática enquadrada em normas rígidas de conduta, profissionalizada e redação de textos a serem lidos diante do microfone surgiu em 1941, quando foi ao ar o primeiro Repórter Esso pela Rádio Nacional. O programa ia ao ar quatro

vezes ao dia por cinco minutos. As notícias dadas pelo Repórter Esso tinha que ser preenchidas como notícias locais, nacionais e internacionais. O programa foi ao ar até 1968, o seu grande trunfo foi a cobertura da Segunda Guerra Mundial em termos de jornalismo internacional. O nazi-fascismo foi compreendido consensualmente como uma ideologia do mal no Brasil pelo Repórter Esso (MOREIRA apud NATALI, 2004, p.45).

Até o início dos anos 60, o jornalismo internacional sofria de insuficiente tecnologia para se favorecer dos programas de acontecimentos ocorridos no mesmo dia. O Repórter Esso foi transposto para a televisão que fez sucesso em razão da mescla de texto e imagens e profissionalismo. O Jornal Nacional foi ao ar em 1º de setembro de 1969 pela primeira vez, que apresenta notícias nacionais e internacionais.

Na apresentação do livro *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*, Ana Paula Padrão (2003), jornalista, reconta a experiência na guerra contra a Iugoslávia, de como foi ultrapassar a fronteira física que dividia os campos de refugiados da Macedônia. Mostrando as diversas barreiras e dificuldades que o jornalismo de guerra apresenta ao jornalista.

Na nossa tentativa de cruzar a fronteira do noticiário sofremos dezenas de reveses na batalha diplomática por um visto que nos permitisse filmar em cidades como a capital iugoslava, Belgrado. Ultrapassar a fronteira física que dividia os campos de refugiados da Macedônia da guerra real, no território kosovar, também parecia impossível. Seguimos a pé uma das trilhas nas montanhas, protegidos pelas árvores, até alcançar um vale - todo ele um campo minado onde incontáveis albaneses em fuga perderam a vida. As marcas das explosões estavam lá, e podíamos ver, também, ao longe, uma cidade albanesa abandonada e a movimentação de alguns soldados sérvios. Protegidos pela distância, nosso cinegrafista tentou filmá-los. Foi quando ouvimos tiros - o sinal concreto de que não éramos nada bem vindos. (PADRÃO; 2003, p.10 - 11)

A jornalista menciona também das vezes que cobrindo conflitos entre o Talibã e a Aliança do Norte, no Afeganistão, na cobertura de ações antiterroristas executadas pelos Estados Unidos, encontrou colegas de profissão que debatiam entre os riscos de tentar entender a complexidades dos motivos em ambos os lados e a segurança de optar por um lado do campo de batalha. Jornalistas que estão impregnados de suas convicções pessoais, deixam escapar a regra da isenção.

As pessoas que se debruçam sobre os diferentes pontos de vista dos grandes conglomerados de mídia na cobertura de conflitos armados aprende mais do que qualquer relato isolados poderia acrescentar. Mas o que preocupa Padrão (2003) é a inexistência da imprensa na cobertura das chamadas “guerras esquecidas”, como as do continente africano. A

do Congo, que ditador após ditador, destrói os conceitos de moral e ética de gerações inteiras, ou a do Sudão, que perdura há dezenove anos e vai aniquilando a população e cultura local.

Imagens de arquivo são essenciais para se contar de guerras passadas ou esquecidas, contextualizando o leitor com todos acontecimentos de determinada história. As imagens dão vida a matéria, faz com que o consumidor da informação tenha um sentimento de proximidade e veracidade ao acontecimento. Um dos problemas enfrentados pelo jornalismo são a falta de imagens de arquivo, como da Primeira Grande Guerra, e em segundo lugar com o tempo o número de sobreviventes de guerras e acontecimentos históricos vem diminuindo, fazendo com que as gerações desses sobreviventes tenham que recontar esses acontecimentos. E a cada vez mais se distanciando da verdade e verossimilhança dos fatos.

5. Jornalismo de TV

A criação da televisão se deu graças a diversas pesquisas de cientistas, uma espécie de corrida tecnológica e científica, de acordo com os autores consultados. Descobertas como o telégrafo, a lâmpada incandescente, o sistema de projeção de imagens, o transmissor mecânico, o aparelho codificador das ondas eletromagnéticas em sinais elétricos, o iconoscópio, e outras diversas tecnologias descobertas nos séculos XIX e XX tornaram a TV uma realidade. Um meio de comunicação que visa à satisfação do tempo livre, a melhora do conhecimento e a valorização da cultura.

Segundo recupera Paternostro (1999), a implantação das transmissões via satélite deu uma reviravolta na história da tecnologia da TV. Os satélites de comunicação giram a 36 mil quilômetros de distância superfície da Terra, a cada 24 horas dão uma volta completa, e permitem a comunicação imediata entre os vários pontos do mundo. Em 3 de março de 1969 foi feita a primeira transmissão via satélite ao vivo, o Apolo IX foi lançado de Cabo Kennedy, Estados Unidos da América. Três meses depois, em 20 de julho de 1969, o Brasil e o mundo viram pela primeira vez o homem pisar na lua. O astronauta Neil Armstrong desceu do Apolo XI e deu seus primeiros passos na superfície da lua (PATERNOSTRO, 1999, p. 22 a 26).

No Brasil, a primeira emissora brasileira, PRF-3 TV Difusora, foi ao ar em 18 de setembro de 1950. O país vivia a “época de ouro do rádio brasileiro”, um importante veículo de informação de massa. De acordo com a mesma autora, assim como o rádio, a televisão nasceu como um meio de comunicação de elite. Para comprovar a existência da televisão, Assis Chateaubriand instalou duzentos aparelhos em pontos de movimento de São Paulo, no dia em que PRF-3 TV foi inaugurada. Quatro meses depois entrava no ar a segunda emissora do país, a TV Tupi do Rio. Nos primeiros seis meses, a emissora só tinha seis horas de programação, com filmes, noticiário e programas de auditório.

Com o crescimento na produção e o tempo, os televisores ficaram mais acessíveis e as emissoras começaram a se instalar em outros estados: a área de introdução da TV ampliava e começava a trazer as agências de propaganda e os anunciantes. Os anos 60 consolidaram a TV no Brasil, com a disputa pelas verbas publicitárias, ela assume o seu caráter lucrativo e começa a briga pela disputa de audiência. Em 1972, começa a era da cor na televisão brasileira. Na década 1990, é habitual na TV brasileira transmissões ao vivo de acontecimentos de todas as partes do mundo, eventos esportivos, divulgação de imagens

históricas e marcantes. E então surge a TV por assinatura, e as emissoras da TV aberta percebem um novo desafio para manter a audiência.

Os primeiros repórteres de rádio apareceram nos anos 1920, as redes estabeleceram suas organizações nos 30 e nos 40 cobriram uma guerra mundial. Durante os anos 50 a televisão superou o rádio. Os anos 60 viram profundas mudanças tecnológicas. O vídeo-teipe chegou. Telespectadores passaram a ver as suas notícias em cores. O primeiro satélite foi ao espaço. A TV por Cabos surgiu. Uma guerra na Ásia foi televisada. As *unidades Móveis* (“ENG - Electronic News Gathering”) tornaram a televisão ágil nos anos 70. Mais notícias foram reportadas ao vivo. Nos anos 80 a TV por Cabos floresceu. Telespectadores, aos milhões, compraram, alugaram e emprestaram aparelhos de videocassete. Com a erosão da audiência, as redes tradicionais perderam sua hegemonia. (BLISS JUNIOR, 1991 apud SQUIRRA, 1993, p.34)

O primeiro telejornalismo brasileiro foi *Imagens do Dia*, e nasceu junto com TV Tupi em 1950. *O Repórter Esso*, TV Tupi, foi o primeiro telejornal de sucesso e estreou em 1953, ficou no ar por quase 20 anos. O *Jornal Nacional*, da Rede Globo, é até hoje o líder de audiência e o que está no ar há mais tempo, desde 1969.

O primeiro telejornal, *Imagens do Dia*, tinham como características do jornal apresentado um texto em estilo radiofônico, uma vez que o rádio era o modelo que se tinha na época. No *Repórter Esso*, o telejornal começou a ter uma narrativa e linguagem mais televisiva, tinha horário fixo para entrar no ar, o texto era objetivo e o apresentador enquadrado em plano americano. O *Jornal da Vanguarda* que estreou na TV Excelsior em 1962, inovou com vários comentaristas e locutores, um jornalismo que abandonava o estilo radiofônico e um visual novo. Já o *Jornal Nacional* foi com o tempo implantando os avanços tecnológicos, e com isso foi o primeiro telejornal em rede nacional, a apresentar reportagens em cores, a mostrar imagens via satélite. Este jornal tinha os telejornais americanos como modelo que transpareceu na figura do repórter e no estilo de linguagem e da narrativa (PATERNOSTRO, 1999).

O que para nós é relevante é a constatação de que a mídia impressa nunca manteve o monopólio da informação por meio de imagens. A concorrência veio em primeiro lugar do cinema (documentários, com as atualidades nacionais e estrangeiras projetadas antes dos filmes em qualquer sala, já nos anos 30), em seguida com a televisão e, por fim, com a Internet. Assim, os jornais impressos precisaram competir com as demais mídias com enfoques mais interpretativos e com uma contextualização histórica maior dos acontecimentos. (NATALI, 2004, p.36)

Ramonet (1999) destaca que a televisão assume o poder em tempos de globalização. Ela não é apenas a primeira mídia de lazer e diversão, mas também a primeira mídia da informação. Se considerarmos que a televisão impõe a norma e submete os outros meios, principalmente, a imprensa escrita a segui-la.

Se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido do que os outros, tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, pelo sinal de satélites, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz. Tomando a dianteira na hierarquia da mídia, a televisão impõe aos outros meios de informação suas próprias perversões, em primeiro lugar com seu fascínio pela imagem. E com esta idéia básica: só o visível merece informação; o que não é visível e não tem imagem não é televisável, portanto não existe midiaticamente. (RAMONET, 1999, p. 26-27)

A televisão combina o uso de dois sentidos do ser humano simultaneamente, a audição e a visão. Uma notícia de grande impacto pode afetar as pessoas de forma emocional, como no atentado do *World Trade Center*, nos Estados Unidos, em 2001, ou nas cenas de barcos que chegam à costa europeia abarrotados de imigrantes da Ásia e da África, fugindo da fome e da guerra em 2015. Uma imagem que aparece por escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por horas, dias, anos ou até pra sempre. Mas será por quanto tempo a informação do noticiário fica na mente do telespectador? Os cinco minutos de reportagem são suficientes para abastecer a população com informação suficiente sobre o assunto?

Paternostro (1999) diz que da mesma forma que a televisão se impõe por meio da informação visual, é limitada quanto à análise da mensagem que transmite. A programação da TV aberta possui um ritmo marcante próprio de sua natureza que acaba voltada à comunicação de notícias de forma breve. Squirra (1993) em seu livro contextualiza com uma pesquisa feita pela revista *Imprensa* que o noticiário brasileiro comunica principalmente sobre o que interessa aos grupos dominantes: economia, governo, empresas, notícias internacionais e inflação.

Uma pesquisa realizada pelo Ibase e pela Faculdade de Comunicação Hélio Alonso no Rio de Janeiro demonstrou que as emissoras seguem um mesmo padrão de notícias no seu telejornalismo: dão praticamente o mesmo tempo, peso e espaço para os mesmo temas. É insuficiente os equipamentos próprios ao trabalho de captação, acabamento e edição de notícias, além de jornalistas e correspondentes para a produção de matérias diferentes e próprias, para não depender apenas do material que as agências de notícias oferecem (SQUIRRA, 1993, p. 9 - 20).

Não é comum na televisão brasileira, com exceção da jornalista Rachel Sheherazade, Boris Casoy, William Waack e outros, se ver um âncora do noticiário expor a sua opinião. Squirra (1993) cita Matusow (1983), “o ano de 1963 foi muito importante para a televisão. Naquele ano, pela primeira vez, as pessoas disseram que elas obtinham suas notícias mais da televisão do que dos jornais impressos”. O âncora no Brasil não é um formador de opinião, mas apenas um comunicador dos eventos diários. Se milhares de

telespectadores obtêm a sua informação diária da TV, o jornal deveria expor todos os lados de uma questão e comentar sobre o assunto, como acontece nos EUA. Porém, as notícias são normalmente curtas e quase impossível que rápidas narrações possam conter informações suficientes sobre as notícias dadas. O enorme uso de imagens, profusão de recurso gráficos e ilustrações tentam reforçar os valores informacionais dos temas.

Nos Estados Unidos por exemplo, um dos primeiros telejornais da TV americana o Hoje (*Today*) da NBC, com especialista em esporte e outro em clima e condições meteorológicas durava uma hora e meia. (SQUIRRA, 1993) Em 1993, os telejornais americanos possuíam formato de meia hora de duração com 22 ou 23 minutos líquidos de notícias. Com tempo cada vez mais reduzido, como melhorar o conhecimento e valorizar a cultura do telespectador, esses, intuito das emissoras? A produção de documentários e especiais como os da TV paga são opções. A TV aberta precisa inovar e cativar o público jovem e o telespectador que está cedendo de informação e possuem a Internet na palma da mão para se informar sobre os mais diversos temas.

Como toda empresa que visa o lucro, a linguagem e os programas que a TV oferece se adaptam ao perfil do público ao qual se dirige. A fórmula usada pelo sistema comercial de TV é: quanto maior a audiência maior o faturamento publicitário, gerando maior rentabilidade às empresas de televisão. “Tal lógica de produção sacrifica o telespectador-cidadão e exalta o telespectador-consumidor, referência básica de toda essa operação mercantil”. (REZENDE, 2000, p. 25)

Na amostra, as notícias são demasiadamente curtas, e é quase irreal que rápidos relatos possam conter informações suficientes sobre os objetos tratados. No telejornalismo se usa amplamente de recursos como ilustrações, imagens e abundância de recursos gráficos, que pretendem reforçar os valores informacionais dos assuntos. Sem contar que os noticiários vêm cada vez mais perdendo espaço para os comerciais de TV. Os telejornais, espremidos pelo tempo, são forçados a reduzir ao máximo o noticiário. A maioria das notícias do telejornal precisam caber no formato de 20 a 30 segundos, que é o tempo que duram os comerciais apresentados pelas emissoras. A divulgação do maior número de informação no menor tempo possível, é o lema da produção jornalística, transformando as matérias numa mera sequência de manchetes. “Segundo um levantamento realizado pela revista *Veja* na edição comemorativa de 15 anos do *Jornal Nacional*, este noticiário se utilizou de cerca de mil palavras, quantidade irrisória se comparada à usada numa página de um jornal diário, em torno de 4 mil palavras”.

(SQUIRRA, 2004, p. 26). Existe um provérbio chinês que se diz “uma imagem vale mais do que mil palavras”, será que no contexto telejornalístico esse provérbio é concebível?

Respeitar a palavra é muito importante no texto da televisão. Imprescindível, no entanto, é não esquecer que a palavra está casada com a imagem. O papel da palavra é enriquecer a informação visual. Quem achar que a palavra pode competir com a imagem está completamente perdido. Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou o texto trai a sua função. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 1985 apud REZENDE, 2000, p.44)

Em uma pesquisa realizada por Cohen (1987), quanto à duração de entrevistas, descobriu que as entrevistas variam de 1 a 142 segundos. E que após as entrevistas serem editadas os entrevistados recebem cinco ou menos segundos no ar. E foi confirmado em entrevistas realizadas com telejornais que o tempo ideal para um entrevistado responder qualquer pergunta é 15 segundos. Este princípio pretende não entediar o telespectador com respostas aborrecedoras e longas. (COHEN; AKIBA, 1987 apud SQUIRRA, 1993, p.52)

Nos Estados Unidos, os âncoras não são somente os apresentadores do programa, são os Editores Chefes dos programas, o telejornal é como a sua própria imagem. Walter Cronkite, foi o mais importante âncora da CBS. Durante a guerra do Golfo, o âncora visitou o Vietnã duas vezes, quando a questão era extensamente divulgada como sendo bem encaminhada pelos estrategistas e militares norte-americanos. Nessas visitas, Cronkite descobriu que estava enganado com as dimensões do conflito, o que mudou seu comportamento impessoal televisivo até então dotado. O âncora passou a ter efeito de mobilização da opinião pública contra o investimento americano na Guerra do Vietnã (SQUIRRA, 1993).

Em 1968, o âncora retornou ao Vietnã e visitou as tropas, se encontrou com os correspondentes que cobriam a guerra e viu os soldados lutando de forma insensata e desorganizada. No retorno aos Estados Unidos da América, escreveu um especial com meia hora de duração. Depois, apresentou quatro reportagens feitas no Vietnã, numa delas relatou:

Dizer que hoje estamos perto da vitória é o mesmo que acreditar nos otimistas que estiveram errado no passado. Sugerir que estamos próximos de uma derrota é render-nos a um irracional pessimismo. Dizer que estamos atolados e paralisados totalmente parece ser a única, realística, ainda que insatisfatória conclusão... É profundamente claro para este repórter que a única saída racional para resolver este assunto será irmos para as negociações, não como vitoriosos, mas como um honrado povo que vive se empenhando em defender a democracia e fez o melhor que pôde. (MATUSOW; BARBARA, 1983 apud SQUIRRA, 1993, p.79)

A opinião do mais importante âncora norte-americano chocou o país e abriu espaço para outros programas críticos sobre os sentidos do envolvimento do país na guerra. O povo

se manifestou indignado quando tomou consciência da realidade, e um mês depois dos especiais de Cronkite, o presidente Johnson revelou á população que não iria mais disputar a presidência e iniciou as conversações de paz.

6. Fontes e entrevista

Materiais jornalísticos podem surgir inteiramente da observação direta do repórter. Mas também apresentam-se por informações fornecidas por personagens ou fontes que participam ou testemunham eventos de interesse público ou por instituições. São chamadas de fontes. É tarefa dos repórteres questionar e selecionar essas fontes, colher depoimentos e dados, e situar as fontes em algum contexto.

Até o meio do século 20, repórteres eram colocados nas estações ferroviárias, portos e aeroportos para entrevistar os passageiros que vinham da América, Europa e países vizinhos e em geral pessoas envolvidas em algum evento de interesse público. Ouviam-se também políticos, funcionários públicos em geral, gerentes e diretores de empresa. Após a Segunda Guerra Mundial, com a expansão da assessoria de imprensa, o contato com empresas, instituições e pessoas notáveis começaram a ser feitos por meio das assessorias.

Até hoje, em muitos países, como em Portugal, nega-se a condição de jornalista ao profissionais que passam a trabalhar em assessorias; em toda parte, é comum repórteres considerarem assessores de imprensa mais como antagonistas do que como colaboradores no processo de produção de informação. (LAGE, 2001, p.50)

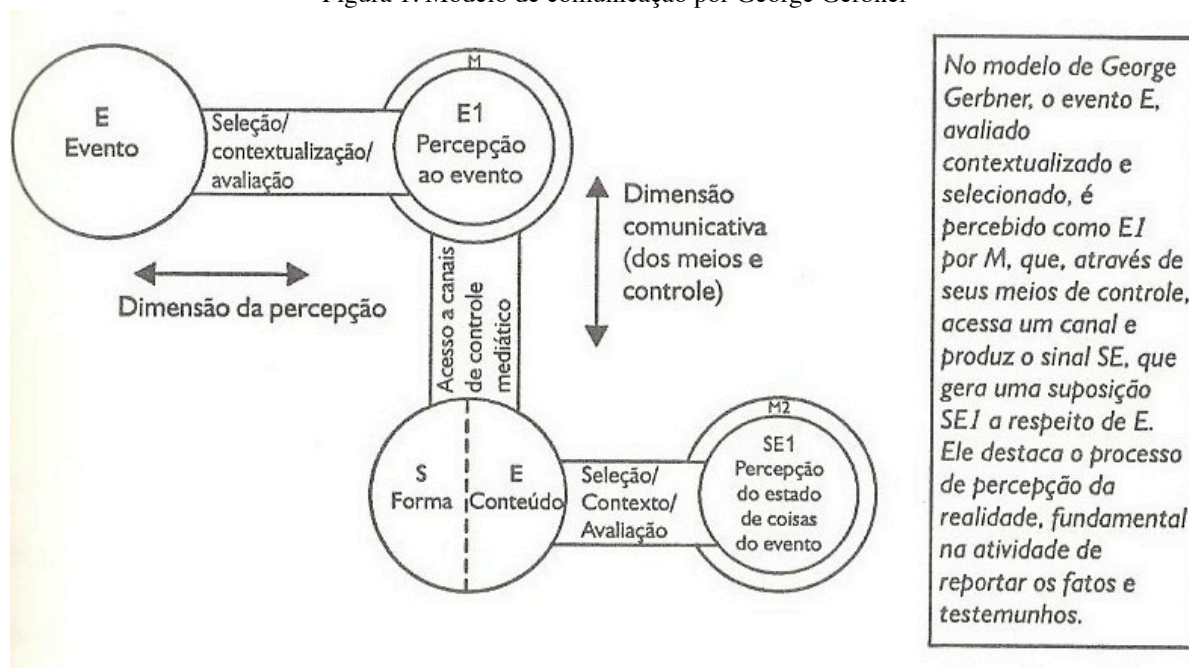
Para Lage (2001), o surgimento das assessorias contribuiu definitivamente para a profissionalização do domínio de informação pública, delineando a posição de cada setor, tanto do lado de quem a coleta quanto de quem fornece. Ficou nítida a posição do repórter como intermediário do público.

Pena interpreta que “a fonte de qualquer informação nada mais é do que a subjetiva interpretação de um fato” (PENA, 2005, p.57). A visão de uma fonte sobre determinado assunto é interferida pelos “óculos” de sua linguagem, sua cultura e seus preconceitos. No modelo de criação criado por George Gebner (1956) a prioridade da função de representar de forma subjetiva a realidade antes de transmiti-la.

A percepção da realidade, sua transformação em modelos mentais e, depois, em proposições linguísticas, fotografias ou imagens editadas em movimento, não é tarefa de um só homem. Ela começa exatamente na fonte, que formula uma primeira representação que será levada adiante. Cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória. (LAGE, 2001, p.54)

Na figura 1 é possível observar o modelo de criação de George Gebner.

Figura 1. Modelo de comunicação por George Gerbner



Fonte: (FISKE, 1990 apud LAGE, 2001. p.53)

De acordo com as naturezas das fontes para autores como Lage (2001) e Pena (2005), são separadas em fontes primárias e secundárias, testemunhas e experts. Mas Schmitz (2011) vai além e as divide em categoria e grupo. A figura 2 representa a dinâmica realizada pelo autor.

Figura 2. Matriz da tipificação das fontes de notícias

| Categoria | Grupo |
|------------------|---------------|
| Primária | Oficial |
| Secundária | Empresarial |
| | Institucional |
| | Individual |
| | Testemunhal |
| | Especializada |
| | Referência |

Fonte: (SCHMITZ, 2011,p.7)

Como visto no quadro, a categoria divide as fontes em duas partes a primária e a secundária. A fonte primária, para Lage (2001, p. 65-66), é aquela que fornece diretamente o essencial de uma matéria, como versões, fatos e números, pois é próxima ou está na origem

da informação. Normalmente, oferece dados “em primeira mão”, que podem ser equiparados com declarações de fontes secundárias.

A fonte secundária, segundo Schmitz (2011), é a que analisa, interpreta, comenta, contextualiza e/ou complementa a matéria jornalística, produzido com base em uma fonte primária. Lage (2001, p.66) explica, “fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou construção das premissas genéricas ou contextos ambientais”. O envolvimento da fonte secundário com os eventos e fatos é indireto.

Toda informação tem uma contextualização e origem. Quem informa, segundo Charaudeau (2006), é diferenciado pela especialização, notoriedade e testemunha. Dessa forma, o autor divide as fontes em grupos, sendo elas: oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada e referência.

A fonte oficial se refere a pessoas com cargo ou função pública que se pronunciam em nome de órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (legislativo, executivo e judiciário), assim como organizações agregadas (cartórios de ofício, companhias públicas, juntas comerciais, etc). As fontes oficiais enunciam informações aos cidadãos e tratam sobretudo do interesse público, embora possam falsear a realidade. (SCHMITZ, 2011). “Fazem isso para preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, em função de lutas pelo poder”. (LAGE, 2001, p.63).

Schmitz (2011, p.10) classifica a fonte empresarial como alguém que representa uma corporação empresarial do comércio, indústria, agronegócio ou de serviços. Algumas vezes suas ações possuem interesse comercial e estabelecem vínculos com a mídia visando preservar uma reputação ilibada e sua imagem.

A fonte independente ou institucional representa um grupo social ou uma organização sem fins lucrativos. Para Lage (2001, p.65), a sua ação pode ostentar “uma fé cega naquilo que defende”, colocando sob suspeita as informações que fornece, mesmo que seja considerada espontânea e desprendida de qualquer interesse próprio. Geralmente, a fonte independente busca a mídia para mobilizar e sensibilizar a sociedade como um todo e o poder público, para defender uma causa política ou social, tendo os meios de comunicação como aliado.

A fonte individual ou “informal” representa a si mesma. Pode ser uma pessoa comum, personalidade artística, política, cultural ou um profissional liberal desde que não fale por uma organização ou grupo social. Já a fonte testemunhal funciona como álibi para a

mídia, pois representa aquilo que ouviu ou viu, como observadora ou partícipe. Executa o papel de portadora da verdade, desde que relate exatamente o ocorrido. Se o relato for manipulado, a fonte deixa de ser testemunha. (SCHMITZ, 2011)

Para Sponholz (2008), a fonte especializada é alguém de notório saber específico (perito, especialista, intelectual) ou organização detentora de uma conhecimento reconhecido. Geralmente é relacionada a uma área de atuação ou profissão, com a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinados acontecimentos ou ações. Esse tipo de fonte fornece informação interpretativa (fonte secundária) ou factual (primária), conforme a sua expertise.

Conforme indica Chaparro (2009), a fonte de referência se aplica à mídia, bibliografia ou documento que jornalista consulta. É um referencial que recheia a narrativa e fundamentos os conteúdos jornalísticos, agregando idéias e razões. (CHAPARRO;MANUEL, 2009 apud SCHMITZ, 2011, p.12)

Após ter classificado os tipos de fontes é importante comentar sobre a entrevista no telejornalismo. Sem as fontes não existe entrevista, e é um artifício para a construção da verdade na narrativa telejornalística. A entrevista é um dos recursos fundamentais para legitimar, ilustrar e fundamentar a narrativa jornalística.

Segundo Musse e Musse (2010), a seleção de fontes é um dos processos mais complexos para os produtores de telejornais na rotina das aceleradas redações. É necessário não apenas ter os contatos, como também conseguir a disponibilidade e concordância daqueles que vão ser entrevistados. As fontes além de possuírem domínio do assunto, é estimado que elas sejam capazes de reduzir suas reflexões ao valiosos quinze segundos de tempo que caracterizam as sonoras, o que fez Bourdieu (1996) os apelidar de *fast thinkers*, isto é, aqueles profissionais que possuem na prática uma receita pronta sobre o que vão falar e são capazes de, nos seus quinze segundos de destaque, falar sobre os mais intrincados e delicados temas.

No processo de seleção das fontes, os produtores possuem o hábito de escolher sempre os mesmos entrevistados para falar dos mesmos assuntos. Principalmente, na escolha de uma fonte expert sobre um determinado assunto. Mas no caso dos especiais sobre o a bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki, que fez 70 anos, as fontes que vivenciaram o terrorismo aos poucos vão falecendo, como as emissoras vão realizar tais especiais? Apenas com imagens de arquivo, gráficos e historiadores? Os descendentes e historiados seriam as principais fontes? Ou deixarão o assunto morrer?

A realidade é que grande parte dos acontecimentos, no jornalismo impresso ou televisivo, transcorre em pautas ou roteiros já fortemente codificados pela produção

mediática. As grandes cerimônias oficiais, as competições esportivas, as entrevistas políticas, mesmo com a possibilidade de que um evento inesperado qualquer transgrida a ordem de enquadramento, são relatadas ou transmitidas ao vivo a partir de uma “gramática” de antecipações logotécnicas - uma retórica, em suma - destinada em produzir uma narrativa (SODRÉ, 2009, p.74)

As autoras, observam uma tendência nas redações cada vez maior a produzir a notícia. E salienta que as pautas são hiper detalhados, e em especialmente para o repórter, o material é entregue “mastigado”, tudo o que se espera solidificar na gravação de alguma matéria. “No nosso ponto de vista, a necessidade de aumentar a produtividade das equipes de externa têm levado a um excessivo trabalho de pré-produção, que corre o risco de “engessar” a gravação do material de externa”. (MUSSE E MUSSE, 2010, p.3)

Lage (2001) observa que o jornalista ao ter a obrigação de realizar mais de uma matéria por turno e a cobrança gerada pelo prazo de entrega acabam influenciado seu trabalho, e, assim, sua relação com os entrevistados. E verifica que a visão mais objetiva do telejornalismo quanto ao tempo e a preocupação com a veracidade que a fonte irá relatar, acaba privilegiando a memória a curto prazo.

De modo geral, o testemunho, mais confiável é o mais imediato. Ele se apóia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mente os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão factual (LAGE, 2001, p.67).

O telejornalismo ao privilegiar o factual tende a enfatizar depoimentos mais imediatos, por ainda não terem se distanciado do episódio, geralmente são mais fidedignos. Ecléa Bosi, pesquisadora da memória, sugere que pesquisadores e jornalistas precisam transpor enorme distância temporal entre o acontecido e o fato narrado, experiência sempre árdua devido as transformações ocorridas, principalmente nas mentalidades (BOSI, 2003).

7. Metodologia

Os procedimentos metodológicos escolhidos para realizar as análises incluem reportagens da TV Globo e Rede Record, que foram ao ar no período de 1º a 8 de agosto, incluem análises dos conteúdos e comparativas.

A Rede Record durante esta semana realizou um especial que foi ao ar do dia 3 ao dia 7, totalizando 5 matérias. Já a Globo fez nove matérias sobre as explosões das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, dentre as quais foram escolhidas as matérias que os temas mais se diferenciavam uma das outras.

A análise de conteúdo jornalística, segundo Herscovitz (2008, p. 123), é o método de pesquisa que analisa e recolhe textos, símbolos, sons e imagens gravadas, veiculados ou impressas em forma digital ou eletrônica, encontrados na mídia a partir de uma amostra acidental ou não dos instrumentos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus formatos e conteúdos e os enquadrando em categorias previamente testadas reciprocamente passíveis e exclusivas de replicação. A análise de conteúdo midiática “nos ajuda a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens” (SHOEMAKER E RESSE apud HERSCOVITS, 2008, p. 124).

As estratégias perseguem o objetivo desta monografia, que é identificar como as histórias foram contextualizadas pelas emissoras. Além disso, os materiais são enfocados das seguintes formas:

- analisar o valor das imagens de arquivo para contextualizar a matéria e avaliar a importância de correspondentes internacionais na realização de especiais como esse;
- questionar a responsabilidade das forças armadas e do governo americano dada pela imprensa pelo lançamento das bombas atômicas;
- analisar como noticiários tratam de um tema complexo como o lançamento de bombas atômicas em um curto espaço de tempo, explorar os tipos de fontes escolhidas para as matérias;
- verificar se nas matérias os jornalistas falam sobre os efeitos provocados pela radiação da bomba atômica a curto e longo prazo, o número de mortos no momento que a bomba atômica atinge o solo, o número de pessoas que morreram devido aos efeitos da radiação no decorrer dos anos e como o mundo relembra o atentado;
- se citam os países que hoje em dia possuem bombas atômicas;

Fazem parte da amostra cinco reportagens da Globo:

- 1) Cerimônia lembra os 70 anos do primeiro bombardeio atômico da história. Especial do dia 5 de ago;
- 2) Pássaros de papel simbolizam a superação de Hiroshima e Nagasaki. Especial do dia 8 de ago;
- 3) Tragédia de Hiroshima e Nagasaki completa 70 anos. Especial do dia 8 de ago;
- 4) Premiê japonês propõe desarmamento nuclear nos 70 anos da explosão em Hiroshima¹. Especial do dia 6 de ago;
- 5) Fantástico documentário revela novas histórias de tragédias em Hiroshima e Nagasaki². Especial do dia 9 de ago;

Outra cinco notícias da Rede Record foram selecionadas:

- 1) Série do Jornal da Record conta a história dos sobreviventes de Hiroshima. Especial do dia 3 de agosto;
- 2) A Grande Explosão: equipe do JR visita cidade onde foi desenvolvida a bomba atômica. Especial do dia 4 de agosto;
- 3) JR visita local onde foi realizado o primeiro teste nuclear da história. Especial do dia 5 de agosto;
- 4) Nos 70 anos da bomba atômica, repórter conversa com sobrevivente da tragédia. Especial do dia 06 de ago;
- 5) A segunda explosão. Especial do dia 7 de agosto.³

A análise comparativa abrange a relação entre determinados aspectos, em diversos jornais impresso, televisivo, radiofônico, on-line e revistas, por meio da quantificação dos elementos que se pretende comparar. Para isso, se usam escalas de referência, que possibilitam enquadrar homogêneamente os aspectos estudados (MELO, 1971, p.98).

A partir dos resultados da análise de conteúdo é feita a análise comparativa entre as reportagens dos especiais produzidos pela Globo e Rede Record.

¹ As reportagens estão disponíveis em: <https://globoplay.globo.com>

² A matéria está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ru6MIN-dAsY>

³ As reportagens estão disponíveis em: <https://r7.com/play>

8. Análise

Primeiramente, serão analisadas os especiais da TV Globo e em seguida os da Rede Record, para no final fazer a comparação entre os especiais das duas emissoras de TV.

8.1 Análise de conteúdo

• Cerimônia lembra os 70 anos do primeiro bombardeio atômico da história. Especial do dia 5 de ago (Globo)

O especial de 02'13'' contextualiza a matéria com a maneira que os japoneses, com foco nos moradores de Hiroshima, relembram a data da explosão da bomba atômica e o número de mortos no dia da explosão, setenta mil. A reportagem cita que a radiação da bomba matou milhares de pessoas e os efeitos dela também, mas não menciona o números de mortos pela radiação até hoje.

O correspondente Márcio Gomes é o repórter do especial. E para mostrar o poder da bomba de urânio e sua devastação, o especial utilizou do recurso de imagens de arquivos.

As duas únicas fontes que aparecem na matéria são: o primeiro ministro japonês que reforça a necessidade de paz no mundo, e informa que o Japão irá propor um plano de desarmamento nuclear no próximo encontro do G7; a outra fonte são crianças que leram uma mensagem de paz com a esperança de que o ataque de uma bomba nuclear fique apenas na memória.

Tabela 1: Cerimônia lembra os 70 anos do primeiro bombardeio atômico da história

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA () | Sobreviventes () | Imagem de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão (x) | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão () | Cientistas () | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas () | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos (x) | |

Fonte: própria

• **Pássaros de papel simbolizam a superação de Hiroshima e Nagasaki. Especial do dia 8 de ago (Globo)**

A matéria de 03'39'' é elaborada com a maneira que pessoas do mundo inteiro relembram da devastação da bomba nuclear, por meio dos pássaros de origami, *Tsuru*, e contextualiza com a história de uma sobrevivente que ao sofrer efeitos da radiação teve leucemia após 10 anos da explosão, e fez mais de mil desses origamis. A reportagem identifica que o autor do ataque foi os Estados Unidos da América.

Como na reportagem anterior, o repórter da matéria é o Márcio Gomes, correspondente da Globo na Ásia. Imagens de arquivo foram usadas para demonstrar a “grandiosidade” da bomba e para mostrar fotos do rosto da sobrevivente que teve leucemia.

Ambas as fontes que são claramente utilizadas para esse especial são: um instituto , que a emissora não especifica, que recebe os *Tsurus* de diversos países e o sobrevivente da bomba atômica Masahiro, que conta a história de sua irmão, que faleceu pouco mais de 10 anos da explosão com leucemia. O entrevistado deixa uma mensagem de paz, se todos pensassem uns nos outros como sua irmã, não haveria mais guerra.

Tabela 2: Pássaros de papel simbolizam a superação de Hiroshima e Nagasaki

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes (x) | Imagem de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão (x) | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão () | Cientistas () | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas () | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos (x) | |

Fonte: própria

• **Tragédia de Hiroshima e Nagasaki completa 70 anos. Especial do dia 8 de ago (Globo);**

Nesta reportagem, o correspondente Márcio Gomes visita as cidades de Hiroshima e Nagasaki. No início do especial, a apresentadora do programa, Como Será?, cita a participação dos Estados Unidos da América, pela primeira vez e também única na matéria. No “Parque da Paz”, em Nagasaki, Gomes menciona o número de mortos no momento da

explosão, 39 mil mortos, e vagamente fala das milhões de pessoas que carregam marcas das explosões. Ainda no parque, mostra as dezenas de monumentos doados por diversos países do mundo, lembrando “as vítimas de um dos momentos mais dolorosos da história”, palavras do repórter Márcio Gomes. Em outro parque, agora em Hiroshima, mostra um monumento onde a chama que está aceso, só irá se apagar com o fim das armas nucleares. Ao todo, foram utilizadas oito imagens de arquivo para mostrar a explosão e a devastação das bombas atômicas.

As fontes entrevistadas foram: um Professor da Universidade de Kyoto, o Diretor do “Museu da paz” de Nagasaki, Okubo, e uma estudante. No museu, o diretor mostra objetos marcados pelos efeitos da bomba e conta “os números de sobreviventes vem diminuindo, por isso a segunda geração terá que participar com relatos para trazer a experiência de sofrimento e superação do ponto de vista dos filhos”.

Tabela 3: Tragédia de Hiroshima e Nagasaki completa 70 anos

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes () | Imagem de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão (x) | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos de mortos depois da explosão () | Cientistas () | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas (x) | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos (x) | |

Fonte: própria

• Premiê japonês propõe desarmamento nuclear nos 70 anos da explosão em Hiroshima. Especial do dia 6 de ago (Globo);

A reportagem especial de 04’21’’evidencia a cerimônia, em 6 de agosto, que foi uma celebração da paz em memória dos mortos e sobreviventes da explosão da bomba nuclear. As fontes foram o 1º ministro japonês, que menciona um plano de desarmamento nuclear, o prefeito de Hiroshima e o sobrevivente Suboy. As imagens de arquivos usadas contextualizaram a explosão da bomba, seus efeitos de radiação e destruição.

O sobrevivente estava perto do epicentro da explosão da bomba, e quando acordou estava com suas roupas rasgadas e queimadas, sangrava pelo corpo inteiro. Suboy guarda as marcas de dezenas de cirurgias e internações que enfrentou ao longo da vida.

O correspondente Márcio Gomes cita que os Estados Unidos da América jogou a bomba sobre Hiroshima e 3 dias após em Nagasaki.

O âncora do Bom Dia Brasil, Chico Pinheiro, participa ao final com sua opinião de que o mundo inteiro precisa aprender com o que já aconteceu. E que, hoje em dia, as armas nucleares são bem maiores e vemos a guerra tomando dimensões maiores com a imigração de sírios para diversas partes do mundo.

Tabela 4: Premiê japonês propõe desarmamento nuclear nos 70 anos da explosão em Hiroshima

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes (x) | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão () | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão () | Cientistas () | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas () | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos (x) | |

Fonte: própria

• Fantástico documentário revela novas histórias de tragédias em Hiroshima e Nagasaki. Especial do dia 9 de ago (Globo);

O correspondente Márcio Gomes apresenta esta reportagem com enfoque nos problemas causados pela radiação. Menciona o número de mortos no momento da colisão, 246 mil mortos, e diz que milhares morreram nos dias, meses e anos seguintes, devido à radiação. O preconceito sofrido pelos sobreviventes pela família e ou trabalho é outro foco da reportagem. A doença que os sobreviventes possuem tendência a desenvolver é o câncer, e mencionou que quem bebeu da chuva negra começou a perder cabelo após uns dias. Foram utilizadas imagens de arquivo para contextualizar a explosão da bomba, sua devastação, os efeitos da radiação nos sobreviventes e fotos dos sobreviventes quantos novos.

Apesar da matéria possuir 9'06'', em nenhum momento foi citada a participação dos Estados Unidos da América. O único momento em que mencionaram os americanos, foi na

colaboração da “Comissão para o acidente com a bomba atômica”, onde cientistas americanos estudaram os efeitos da radiação nos sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki.

Foram entrevistados cinco sobreviventes, o diretor do Hospital da Cruz Vermelha em Nagasaki. Apesar de ter sido mencionado cientistas americanos que investigaram a radiação nos sobreviventes, não houve nenhuma entrevista com especialistas americanos.

Tabela 5: Fantástico documentário revela novas histórias de tragédias em Hiroshima e Nagasaki

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA () | Sobreviventes (x) | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão (x) | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão (x) | Cientistas (x) | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas (x) | |
| Como o mundo relembra o atentado () | Políticos () | |

Fonte: própria

• Série do Jornal da Record conta a história dos sobreviventes de Hiroshima. Especial do dia 3 de agos(Record):

O especial realizado pela correspondente Cíntia Godoy é recheado de imagens de arquivo, contextualizando a dimensão das bombas atômicas, as destruições causadas pelas explosões, as doenças causadas pela radiação e as histórias dos sobreviventes. A matéria possui 7’86”.

Na reportagem, a jornalista, menciona o número de mortos no momento da explosão em Hiroshima. Segundo Cíntia nos meses seguintes o número dobrou. E também conta que o exército americano é culpado por ambos os ataques. Fez uma visita á um museu em Hiroshima dedicado ao desastre, onde é possível relembrar a história para todas as gerações para japoneses e estrangeiros.

Os entrevistados foram quatro sobreviventes, sendo que um dos sobreviventes, Kodama, conta que seu cabelo começou a cair e em três dias estava completamente careca, sangrava pela boca e pelo nariz, sofreu por vários anos com diarréias fortíssimas e já teve dezenove tipos de câncer e nunca pode ter filhos. Todas as doenças aconteceram devido á exposição da radiação.

Dois estrangeiros também foram fontes para esse especial. O primeiro, pesquisador, Erick Grant, que trabalha na Fundação Americana de Pesquisa dos Efeitos da Radiação. Grant realiza o acompanhamento com oito mil pessoas, filhos de sobreviventes, para análise do impacto da radiação nas seguintes gerações. Cientistas também acreditam que plantas e animais sofreram mutações. O segundo, é um visitante do museu que segundo ele, pode ver de outra perspectiva a história do atentado em Hiroshima e Nagasaki.

Tabela 6: Série do Jornal da Record conta a história dos sobreviventes de Hiroshima

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes (x) | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão (x) | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão (x) | Cientistas () | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas (x) | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos () | |

Fonte: própria

• A Grande Explosão: equipe do JR visita cidade onde foi desenvolvida a bomba atômica. Especial do dia 4 de ago (Record);

O segundo especial realizado pelo Jornal da Record se passa na cidade de Los Alamos, Estados Unidos da América. Lugar que foi feita a construção das bombas “*Little Boy*” e “*Fat Man*”, e teste das bombas. A reportagem contém 8’ recheados de imagens de arquivo, contextualizando o ataque do Pearl Harbor, descobertas científicas, o “Projeto Manhattan”, a fabricação da primeira arma nuclear da história, a explosão da bomba, sua devastação, fotos de pessoas que ajudaram na construção e de familiares e da própria sobrevivente da bomba.

A correspondente Heloisa Villela em uma visita ao museu sobre a bomba atômica em Los Alamos conta que, “entre artefatos e documentos históricos, nenhuma discussão a respeito do lançamento de uma arma tão destrutiva contra a população civil do Japão em agosto de 45”. E apesar de não falar os países que possuem armas nucleares, menciona, como nenhuma reportagem anterior o fez, que o número de armas nucleares que se tem notícia atualmente é de 15 mil armas nucleares.

Nos 8 minutos de reportagem, a repórter entrevista Roger, que participou no processo de construção das bombas atômicas, Tomiko, sobrevivente da bomba e Marilyn, historiadora americana. Tomiko conta que até hoje vê, sente e ouve o que viveu há 70 anos, mas para viver em paz, prefere acreditar que as explosões nucleares fizessem com que a guerra acabasse. A historiadora americana discorda. Marilyn diz que toda a sua vida viu os Estados Unidos da América bombardearem algum país, o que ele cometeu no Japão, para a historiadora foi um crime de guerra. A bomba atômica criou o mito que os ataques aéreos são decisivos e abreviam os conflitos.

Tabela 7: A Grande Explosão: equipe do JR visita cidade onde foi desenvolvida a bomba atômica

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes (x) | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão () | Historiadores (x) | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão () | Cientistas (x) | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas () | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos () | |

Fonte: própria

• JR visita local onde foi realizado o primeiro teste nuclear da história. Especial do dia 05 de ago (Record);

Os 8 minutos de reportagem contêm diversas imagens de arquivo para contextualizar a guerra, a construção da bomba, sua devastação, o lugar onde foram feitos testes das armas nucleares, a comemoração da população americana pelo sucesso do lançamento das bombas atômicas e o acordo diplomático feito entre Irã, Estados Unidos da América, Rússia, China e as grandes potências europeias.

A correspondente Heloisa Villela visita Los Alamos e mostra o lugar onde foram testadas as primeiras armas nucleares. No marco zero, onde antes dos testes havia uma terra, fica um monumento para os testes feitos com as bombas nucleares. A torre que foi construída para o teste foi devorada pela reação nuclear. E comenta que após o final da guerra, começou a corrida armamentista, na qual as armas nucleares são sempre ameaças. E apesar de não citar quais países possuem armas nucleares, dá-se a entender que os Estados Unidos da América,

Rússia, China, as grandes potências europeias e possivelmente o Irã possuem um arsenal nuclear. Os entrevistados foram: Ben Patterson, engenheiro físico que montou a bomba “*Fat Boy*”, Roger, participou da construção das armas nucleares e Morrey, soldado encarregado de retirar os instrumentos de medição do solo. Patterson conta que as pessoas envolvidas na construção das armas sabiam que a bomba iria resolver um problema imediato e que os problemas futuros poderiam ser piores. Acredita que a segunda foi necessária, para que a guerra acabasse. Hoje, porém é ativista do fim das armas nucleares. Morrey lembra que seu país saiu como vitorioso após o lançamento das bombas, mas com o tempo começou a perceber como essa arma deixou o mundo mais perigoso.

Tabela 8: JR visita local onde foi realizado o primeiro teste nuclear da história

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo |
|---|-------------------|------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes () | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão () | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão () | Cientistas (x) | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares (x) | Especialistas () | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos () | |

Fonte: própria

• Nos 70 anos da bomba atômica, repórter conversa com sobreviventes da tragédia. Especial do Jornal da Record do dia 06 de ago (Record);

Neste especial, o repórter Rodrigo Vianna foi ao encontro de três pessoas que viram de perto a destruição em Hiroshima e Nagasaki e encontraram a paz no Brasil. Para contextualizar as armas nucleares, suas devastações e efeitos, sobreviventes e seus familiares, como os japoneses lembram das explosões foram utilizadas imagens de arquivo.

Nos 11’54’’ de matéria o jornalista entrevistou 3 sobreviventes, Takashi Morita, Shikihiro e Junko Vatanabi, e Salomão Esper, um radialista brasileiro. O sobrevivente, Takashi, conta que lembra o cheiro de queimado no ar, de construções, roupas e pessoas queimando. E para não deixar que o atentado seja esquecida visita escolas em São Paulo contando a sua experiência com a bomba atômica. Assim como Takashi, Shikihiro lembra como se fosse ontem de toda a sua casa sendo jogada para o ar e sendo destruída, e seus escombros caindo sobre ele e seu pai. Lembra de ir para a ponte “*Aioi*” e ver dezenas de

corpos boiando nos rios. O radialista, Salomão Esper, apesar de não ter vivenciado a explosão, lembra claramente da notícia que chocou o Brasil.

Tabela 9: Nos 70 anos da bomba atômica, repórter conversa com sobrevivente da tragédia

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo e correspondente |
|---|-------------------|-------------------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes (x) | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão (x) | Historiadores () | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos depois da explosão () | Cientistas () | Correspondente () |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas (x) | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos () | |

Fonte: própria

• **A segunda explosão. Especial do dia 07 de ago (Record).**

Nesta reportagem de 8'80" , a correspondente Cíntia Godoy conta da segunda explosão da bomba atômica em Nagasaki. Menciona a participação dos Estados Unidos da América no lançamento da bomba, o número de mortos em Nagasaki no momento da explosão e nos dias seguintes, os efeitos causados pela bomba a curto e longo prazo.

A matéria é contextualizada com imagens de arquivo, vídeos e fotos da bomba atômica, da explosão, a devastação causada pela bomba e seus danos, fotos de sobreviventes e familiares mortos pela bomba, da rendição do país e do porto de Nagasaki.

A jornalista entrevistou dois sobreviventes de guerra e um visitante do marco zero de Nagasaki.

Tabela 10: A segunda explosão

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo |
|---|-------------------|------------------------|
| Participação dos EUA (x) | Sobreviventes (x) | Imagens de arquivo (x) |
| Número de mortos no momento da explosão (x) | Historiadores () | Correspondente (x) |
| Número de mortos depois da explosão () | Cientistas () | |
| Efeitos causados pela bomba (x) | Aviadores () | |

| Contextualização | Fontes | Imagens de arquivo |
|--|-------------------|--------------------|
| Países que possuem armas nucleares () | Especialistas () | |
| Como o mundo relembra o atentado (x) | Políticos () | |

Fonte: própria

8.2. Análise comparativa

As tabelas da análise de conteúdo auxiliam na análise comparativa com a quantidade de contextualizações, fontes e imagens usadas em cada matéria.

As reportagens da Globo no total tiveram dezessete itens da contextualização marcados, 10 fontes e utilizou imagens de arquivos e correspondente em todas as matérias. Os números de itens marcados nas matérias da Record não se diferem muito dos da Globo. No total foram dezenove itens da contextualização utilizados, 9 fontes, usaram imagens de arquivo e não teve correspondente em uma de suas matérias.

O uso do recurso de imagens de arquivos está presente em todas as reportagens e é indispensável para esses tipos de especiais. As imagens de arquivo aproximam o fato do expectador, contextualizam a fala do repórter e de certa forma podem até chocar e fazê-lo refletir sobre o que aconteceu. O uso de correspondente é imprescindível neste caso também, as únicas armas nucleares usadas foram em Hiroshima e Nagasaki, por isso, para se colher da melhor forma informação sobre o acontecimento é no Japão. A Record foi além e tentou descobrir mais sobre os Estados Unidos da América, entrevistando cientistas que participaram da construção das bombas. Buscou um viés diferente mostrado nos especiais da Globo, contou a história do lado do percursor do atentado. Em uma das matérias da Record não houve correspondente, porém buscou sobreviventes da bomba japoneses que viveram tentar a vida no Brasil, que deu um ar de proximidade com o leitor.

Dentre os tópicos escolhidos para ser feita a análise das matérias, o tópico de contextualização que não foi mencionada em nenhuma das reportagens dos especiais realizados pela Globo foi a dos países que possuem a armas nucleares. Mesmo utilizando quase todos os tópicos requeridos, é fundamental contextualizar o autor da explosão das bombas atômicas, número de mortos e efeitos da radiação, pois não são todos os consumidores de informação que conhecem todos esses fatos e também é uma forma de fixar a informação na cabeça dos telespectadores. Isso vale também para as matérias da Record, que faltou enfatizar esses dados em todas as matérias. A emissora utilizou de todos os

requerimentos da contextualização, com isso trouxe mais informação aos telespectadores e teve um enredo melhor.

Ao analisar mais a fundo cada matéria e suas diferenças, enquanto a média do tempo das matérias da Record foi 8'84'', as da Globo foram de 4'63''. Um tempo de matéria maior faz com que as fontes possam falar por mais tempo e possivelmente contêm um número maior de informação.

O tópico de fontes os únicos que não foram marcados em nenhuma matéria da Globo foi o de aviadores e historiadores. E em diversos momentos a emissora Globo “reutilizou” as fontes em outras matérias. Já a Record, do quadro de fontes as fontes que não foram utilizadas nenhuma vez foram aviadores e políticos. Apenas uma fonte foi “reutilizada”.

9. Conclusão

A análise dos especiais sobre os setenta anos do lançamento das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki demonstra as dificuldades do repórter em promover a contextualização de um tema que completou 70 anos de história. A importância de refletir sobre os agendamentos dos temas que pauta a sociedade, assim como a tematização de notícias tornado umas mais relevantes que as outras, fez parte da atenção desse trabalho. O curto espaço de tempo nas matérias televisivas explica em parte a simplificação dada a assuntos relevantes.

Além disso, o jornalismo, em casos como esse, precisa buscar maior utilização dos arquivos e de fontes especializadas, visto que as testemunhas dos fatos diminuem. Seria também o caso de buscar as gerações que sucederam a essas ocorrências para buscar os efeitos dos ataques norte-americanos sobre duas cidades japonesas.

Nas análises é possível averiguar que um tempo maior de reportagem nos especiais da Record informaram e contextualizaram melhor os consumidores de mensagens. A busca por informações em ambos os lados do acontecimento, Estados Unidos da América e Japão, oferecem um panorama amplo da história, podendo analisar ambos os lados. Como também a emissora evitou a reutilização de fontes. Com diferenciados entrevistados, é possível mostrar diversos pontos de vista sobre o fato histórico. Entrevistar diferentes especialistas, historiadores, cientistas e testemunhas é essencial.

As matérias da TV Globo, por terem menor tempo, deixaram algumas informações de fora, mas informaram mesmo que breve o telespectador. Deveriam ter citado em todos os especiais pelo menos o autor das explosões e números de mortos, pois nem todo consumidor de informação teve a oportunidade de assistir a todas as outras matérias. No final, as reportagens foram meras manchetes que apelavam pela paz mundial.

Imagens de arquivo e uso de correspondentes se mostraram fundamentais na realização de reportagens de ambas as emissoras que relembram o momento histórico. As imagens fazem com o que telespectador sinta uma proximidade, até um vínculo, com o evento, com as pessoas que viveram o acontecimento. Além de contextualizar as informações faladas pelo repórter e dar maior verossimilidade ao assunto. Os correspondentes são essenciais para a busca de fontes que viveram o evento, e que possuem proximidade e conhecimento no assunto abordado. O jornalismo deve ser capaz de tornar a guerra tão presente a ponto de ser instrumento para que a sociedade possa repudiar conflitos futuros.

10. Referências

- AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra D. C. Luzzatto, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOSI, Éclea. *O tempo vivo da memória - ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (organizadoras). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 123-140.
- JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imaco, 1981.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. 9. ed. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1973.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Afiliada, 2001.
- MELO, José Marques de Melo. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes Limitada, 1971.
- MORETTI, Marco Aurélio Morrone. *A ética no jornalismo: o jornalismo em tempos de guerra*, 2004. Disponível em: <www.revistabrasileiramarketing.org/ojs-2.2.4/index.php/remark/.../88>. Acesso em: 12.nov. 2015.
- MUSSE, Cristina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. *A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações*, 2010. Disponível em: <www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209/55279>. Acesso em dia: 12 nov. 2015.
- NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PADRÃO, Ana Paula. *Apresentação*. In: GARAMBONE, Sidney. *A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- PATERNOSTRO, Vera Iris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAMONET, Ignacio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. 2 ed. São Paulo: Summus, 2000.

SCHMITZ, Aldo Antonio. *Classificação das fontes de notícias*, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2015.

SODRÉ, MUNIZ. *A narração do fato - notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Florianópolis: Argos, 2002.

SPONHOLZ, Liriam. *Neutralizando conhecimento: como jornalistas lidam com experts*, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922008000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 nov. 2015.

SQUIRRA, S. *Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. 2 ed. Lisboa: Vega, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 7 ed. Lisboa: Presença, 2002.